

O Lume, a Pesquisa da Arte de Ator no Brasil e a Expressão do Sagrado

Suzi Frankl Sperber
UNICAMP

O projeto e realização da pesquisa em cima da arte de ator foram propostos por Luís Otávio Burnier, no Brasil, há mais de 14 anos, iniciando as suas atividades em 1985. E Luís Otávio produziu uma tese (defendida em 1994), que deverá ser publicada no ano 2000. Esta tese tematiza a arte de ator, a partir de pesquisa realizada no Brasil. Trata-se de trabalho pioneiro - e brasileiro - ainda que tenha aproveitado ensinamentos de mestres do exterior, como Decroux, Barba, Grotowski, Lecoq e outros.

Ficou-me claríssimo, também, que não só a reflexão teórica sobre a pesquisa da arte de ator feita por Luís Otávio Burnier é original, como que a resposta encontrada nas encenações possíveis a partir do trabalho nas três vertentes propostas pelo seu projeto (a mimesis corpórea, a dança pessoal e o clown) têm sua originalidade, coesão, harmonia e sentido construídos em cima de um eixo que constitui um grande achado. Trata-se de uma filosofia e de uma postura frente ao fazer teatral e ao mundo. Os atores não são meros elementos constitutivos do discurso dominante de autor, diretor ou mesmo texto. Também não lhes interessa apenas a pesquisa de modos como aproveitar técnicas existentes, para criar outras com a finalidade de dar maior rigor técnico à arte de ator.

Os atores do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Teatrais - Lume - são autônomos e a sua autonomia e soberania só são possíveis a partir de um trabalho solidário e igualitário. E mais, trata-se de construir uma estética a partir de uma ética. Luís Otávio trabalhou a partir do ritual (de candomblé e de outras práticas religiosas) e do mito. Seguindo uma diretriz fundamental de Decroux, que é a busca da sinceridade, Luís Otávio chegou a um teatro que responde a certas linhas de força antropológicas e espirituais nacionais. O teatro de ator depende, sim, de pesquisas técnicas que, sistematizadas em uma metodologia, são utilizáveis por qualquer ator. Mas estas não

prescindem de uma pesquisa pessoal de cada ator. Isto é, cada ator, mesmo se valendo de uma metodologia – no caso aquela formulada por Luís Otávio Burnier – ainda assim precisa investir, quotidianamente, em uma pesquisa capaz de imprimir em seu próprio corpo uma experiência que poderá, mais tarde, ser reconhecida por seu corpo e `rememorada`. Afora esta pesquisa, a concepção de Burnier e do grupo é que se faz espetáculo e encenação a partir de um processo de construção e estabelecimento de relações.

O sagrado e a quietude

Há muitos tipos de relações. Existe o conjunto de relações estabelecidas entre os atores, entre as personagens, entre cada personagem criada e o mundo, entre cada uma delas e o outro hierarquicamente assimétrico. O relacionamento converte-se, nas encenações criadas pelo grupo Lume (o que quer dizer que juntamente com Luís Otávio Burnier), em um ofício sagrado. Quando se relacionam seres assimétricos que pretendem explicitar a assimetria (no caso dos clowns augusto e branco), Teotônio e Carolino¹ acabam por criar um jogo de incorporação do outro de si, de seu lado feminino, por exemplo, e terminam por transformar a relação, passando para a colaboração e solidariedade. Colaboração e solidariedade são qualidades encontráveis entre os excluídos no Brasil. Que o diga Antonio Candido, em seu *Parceiros do Rio Bonito*. Daí que esta solidariedade constrói o eixo da ética dos atores em relação ao espetáculo e ao público, que se despe de suas defesas e entra num jogo que passa a ser de reverberações construídas a partir da plenitude de entrega de cada um, despojado, que não economiza nem o próprio corpo, nem a própria atividade. Assim é que o público compartilha deste universo tão brasileiro, que se aproxima da espiritualidade oriental, da busca da iluminação. Este não é um artifício intelectual, nem foi construído a partir dos focos de inspiração mais recentes do teatro contemporâneo ocidental: o kathakali, as danças hindus, o kabuki, o butoh. Ao contrário, ao mergulhar no universo brasileiro foi apreendido isto, que, aliás, não foi teorizado ainda nem por Luís Otávio (que não poderá mais fazê-lo), nem por algum dos atores do grupo.

Com sensibilidade fina, atores e Luís Otávio apreenderam aquilo que caracteriza o universo dos simples do interior do Brasil. Isto

¹ . Teotônio e Carolino são os nomes dos clowns representados por Ricardo Puccetti e Carlos Simioni, no espetáculo do Lume, “Cravo, Lírio e Rosa”.

que parece arcaico e é rústico, é uma sabedoria. Está no não dito, na ação, sobretudo nos gestos, na postura física, no corpo do excluído e das personagens. O que é dito não é representação: fundamentalmente, é - dando força ao não dito. Este revela e ao mesmo tempo faculta a contemplação e a quietude. Enlaça atores, personagens e público, num conagraçamento que assemelha um ritual e com uma força e uma vitalidade que estão fazendo falta no cenário das artes cênicas.

Não é à toa que a série de espetáculos encenados por Luís Otávio Burnier com o Lume, especificamente com Carlos Simioni, Ricardo Puccetti, Jesser Sebastião de Souza, Ana Cristina Colla, Raquel Scotti Hirson, Renato Ferracini começou pela expressão do corpo torturado pela angústia, sede de purificação, horror ao pecado, busca da transcendência, trajetória para a redenção pessoal e realização espiritual de Santo Agostinho em "Kelbilim, o cão da divindade"¹. Era a revelação do anseio pelo sagrado. Este se renovou em um aspecto fundamental de outra natureza, ainda que também brasileiro, mas com função diametralmente oposta. É uma busca que garante os momentos de distensão e ao mesmo tempo de despojamento. É a pesquisa de clown.

Tenha-se em mente que isto que estou exemplificando com os espetáculos encenados não se limita à encenação. Houve também reflexão teórica, criação de metodologia e capacitação para a formação de outros atores. Aliás, é trabalho que vem sendo solicitado ao Lume - e por ele realizado e oferecido. É que a pesquisa do Lume é sobre a arte de ator, e não pontualmente sobre esta ou aquela expressão. Por isto - e acompanhando as linhas de pesquisa idealizadas, propostas e realizadas por Luís Otávio Burnier em vida - e agora depois de sua morte - a pesquisa abrange campos diferentes, e a criação de uma metodologia, apta a servir como formadora de novos atores e a prosseguir na teorização da prática e da própria pesquisa.

¹ . Espetáculo do Lume, criação de Luís Otávio Burnier, Carlos Simioni e Denise Garcia e textos extraídos da obra de Hilda Hilst.

A expressão do sagrado

Ela se dá em momento de suspensão das noções de tempo e de espaço. Corresponde, também, à suspensão da racionalidade. Há dois modos de suspensão da racionalidade:

1: Suspensão da racionalidade do interlocutor, decorrente de ato arbitrário, nivelador e impositivo, eliminador da expressão de vontade do interlocutor por parte do "orientador", i.e., emissor. Desta forma, trata-se da construção do mito da liberdade por parte do emissor, construído em cima da subtração da liberdade do outro. Consiste na imposição da suspensão de normas e valores sociais e de convivência e mesmo interesses pessoais mínimos, que implicam a preservação da existência pessoal e familiar, sem levar em conta as normas, valores e necessidades pessoais - usando o recurso da exclusão do grupo e, pois, do abandono. É um momento também de suspensão da própria identidade, assim como da identidade do outro. Nivelados, os seres se reúnem num mesmo espaço físico, mas não se encontram.

2: A liberdade verdadeira é um processo pessoal. Não consiste na suspensão das normas de convivência elementares - normas externas, sociais, limites dentro dos quais qualquer indivíduo se move - mas na suspensão das barreiras pessoais, que impedem a própria liberdade, abrindo espaços internos sem perder o reconhecimento da liberdade do outro.

A partir desta liberdade é possível abrir-se para as relações - e para as religiões. As relações serão horizontais - com o próximo - e as religiões verticais, com o sagrado propriamente dito. Nos momentos em que isto se dá plenamente (não é possível conceber tal estado a não ser em momentos privilegiados), existe circularidade. O outro consegue expandir-se. E também existe reversibilidade: a experiência mágica da plenitude, com suspensão de tempo e de espaço, ressignifica o contexto e a ação. Daí serem momentos que simultaneamente atingem a poesia e a magia. São momentos de reunião, de relação especial (de *religio*).

Estes momentos correspondem à trajetória da revelação, à abertura de novos horizontes. Cada novo horizonte merece uma celebração, correspondente à alegria de haver vencido os limites inconscientes criados à sabedoria e ao conhecimento. A experiência do

sagrado permite que se estabeleça uma relação direta entre ação, emoção e pensamento.

Na prática, o sagrado vivido numa encenação depende de permitir aos outros estarem dentro de si próprios, sem interferências. Dá-se em um momento especial e privilegiado, vivido pelos atores como um mergulho em si próprios. Não há uma técnica única para este mergulho. Servem a mimesis corpórea, a dança pessoal, o clown, e outras. Correspondem a diferentes olhares sobre si próprio. Na medida em que existe um outro olhar sobre si próprio, diferente do quotidiano, não se está eliminando nenhum dos problemas que existem em si próprio, nem as dimensões mais baixas nem as mais altas. Como estas estão no mais íntimo do ser, alto e baixo são apenas revelados, sem serem colocados como preconceitos. Na medida em que os atores assumem o seu corpo como o mais baixo, dignificam o mais baixo. A dignificação do mais baixo instaura a sacralidade, que se realiza numa comunhão.

O clown é a figura paradigmática, em que o mais alto e o mais baixo estão ligados. Ele é o mais tonto, o mais incompetente, ao mesmo tempo é aquele para quem as portas do paraíso estão abertas.

De que modo se chega ao sagrado? Existe intenção? Não. Os atores simplesmente não fazem, nem têm a intenção de fazer algo neste sentido. Ao mergulharem em si, rompem com o espaço e tempo do 'aqui e agora'. Com isso existe uma preservação da poesia. Como este espaço rompido não é preenchido por nada, não há facilitação. Preservado o vazio, este força o interlocutor (público) automaticamente a preenchê-lo. É então que se instaura algo especial, uma espécie de suspensão do conhecimento. O sagrado se revela quando por um lado a pessoa se descobre a si mesma, e, por outro, descobre e aceita o outro, simultaneamente.

Os elementos constitutivos dos momentos de sacralidade são a suspensão do tempo, que é automática, a valorização de todas as dimensões, do mais alto e do mais baixo, sem se permitir qualquer julgamento. Aí a racionalidade está fora de lugar, porque não vai haver espaço para julgamento. Com isso, a objetividade e a subjetividade interagem.

A sacralidade é construída na medida em que os diferentes níveis não são escamoteados: o mito, a poesia, o limite humano e o salto mágico, uma espécie de iluminação, possível pela contemplação

e pela relação simultânea com o outro, consigo mesmo e com o mistério. Mesmo o “Contadores de Estórias”¹ tem diferentes níveis: o uirapuru, um mito, que verbaliza a produção do canto. Porque toda a captação de um canto, é ao mesmo tempo uma espécie de formulação do fazer artístico, o que é uma clara referência à arte. A arte se apresenta como um ato mágico ao conseguir captar aquilo que há de mais belo, e que passa por um processo de transformação. O ato é artístico, com suspensão de tempo e espaço, e simultaneamente implica aceitação da arte como arte, da voz enquanto não apenas voz do cotidiano, mas uma voz especial, que capta alguma essência, uma relação entre o ser humano - poder terreno – e o poder extraordinário que é canto. São pelo menos duas dimensões: uma vertical e uma horizontal. Os acontecimentos são horizontais, admitindo em sua horizontalidade diferentes dimensões: o grotesco, o trágico etc.

Quando se tem uma ação que congrege todo mundo, mas todo mundo enlouquecido, todo mundo que perdeu o valor, o sentido do próprio eu, e o do outro, há uma confraternização que é também a suspensão da própria noção de identidade, não há propriamente a aceitação de si, e não há aceitação do outro. É uma espécie de lugar intermediário, um pseudo lugar, do eu e do outro.

Quando existe a sacralidade, mantém-se a verticalidade, a participação. Consegue-se re-criar o espaço da sacralidade no momento em que se estabelece relações. Esta é uma coisa mágica, misteriosa, possível só quando é preservada a relação com o outro, a relação consigo mesmo, ao mesmo tempo que se rompe a noção de espaço e tempo, que se abrem para outras dimensões.

Faz-se limpeza quando o espaço é recriado, criando-se outro espaço, no qual pode manifestar-se a união dos contrários e diferentes em uma entidade maior e una.

¹ Espetáculo do Lume, criação de todos os atores.